

# “ESTRANGEIROS”, DE AGRIPPINO GRIECO

*O Dia – 03 de agosto de 1935.*

**C**rítico de larga projeção intelectual, o sr. Agrippino Grieco é uma figura bastante interessante em nossa literatura e, mesmo, motivo excelente para um tema de polêmica revolucionária no mundo fantástico de nossas letras. A primeira impressão que tive do sr. Agrippino Grieco foi com a leitura de “Vivos e Mortos”, em que o autor de “Evolução da Poesia Brasileira” de bisturi em punho decepava com todas regras de um bom professor de anatomia muitas personalidades literárias, cheias de fama terrivelmente amedrontadora. E essa impressão foi de assombro ante a audácia incorrigível do sr. Agrippino Grieco deitando a marreta numa gente que, para mim, eu mal tinha deixado o curso secundário, era grande porque ser grande era ter um nome numa péssima história da literatura e fazer parte dessas antologias que andam espalhadas por todos os cantos desse imenso país, assustando, com bisonha austeridade, os pequeninos brasileiros, inocentes, ante tanta balbúrdia intelectual. Nos primeiros momentos de leitura indignei-me com o sr. Agrippino Grieco. Blasfemei. Quis gritar mas não pude. A imprensa daquele belo tempo não aceitava tão facilmente bobagens de criança ingênua sem a menor noção disso que por aí chamam de realidade nacional. Eu não compreendia, então, a importância da obra de Agrippino Grieco em nossas letras. Era incapaz de compreender. Não estava na minha vontade. Eu era ainda o reflexo da vontade de mestres que

impingiram a mim, como a todos os meus colegas, ídolos. E aceitamos a grandeza (??) desses ídolos, admiramos mesmo com a nossa inocência infantil a toda essa gente famosa, como ainda hoje olhamos assombrados a beleza resplandecente da Guanabara e a firmeza do Pão de Açúcar. Estávamos longe de compreender: aqueles ídolos deviam admirar as nossas vistas e os seus nomes deviam cantar em nossos ouvidos. Nada mais. É uma questão que não pode ser discutida. Ela fixa um momento de nossa vida. Fixa o momento da inconsciência. Pouco importa. O que importa é que o movimento renovador de nossa literatura nesses dez últimos anos serviu para refazer o espírito brasileiro dos abalos sofridos em todo um período histórico de ilusões ridículas. Naturalmente, a lógica do adulto substituiu a lógica infantil, e a influência de todo o movimento modernista cavou um abismo profundo entre dois períodos de nossa história geral. Depuramos a noção de realidade da noção de fantasia. Ainda que bem.

Há de dizer o leitor que estou embaralhando o tema de que devo tratar hoje. Acontece porém que escrever sobre o sr. Agrippino Grieco não é coisa tão fácil como parece à primeira vista. Ainda não vi pessoa tão encrencada para uma análise sincera como esse senhor Agrippino Grieco. Encrencado até no nome. Encrencado na obra. Crítica de tudo. Escreve sobre tudo. Parece mesmo que entende de tudo. E a gente para ser sincero precisa saber de tudo, conhecer de tudo. A compreensão somente não basta. “Estrangeiros” publicado o mês passado pela Ariel Editora assim se apresenta. Vemos nesse livro, por sinal que o único no gênero em toda a nossa literatura, Edgar Allan Poe ao lado do redentor Lincoln, Tolstoi ao lado do idealista Camille Desmoulins, Papini pegado ao “homem adorável” que é o português Raul Brandão, o sr. Raul Brandão ao lado do profeta Chesterton, o sensualíssimo Misset junto ao convencidíssimo Robert de Montesquieu “que se dizia consangüíneo de d’Artagnam”.

Apesar de tanta gente boa e de tanto nome bombástico que o sr. Agrippino Grieco – indiscutivelmente o mais original dos nossos críticos pela espontaneidade fácil e simplicidade de estilo – crítica com vivacidade elevada, eu apreciei mais o estudo do autor de “Vivos e Mortos” sobre Luigi Pirandello, o italiano admirável

do “bom senso pelo avesso”. Não sei se isso seja devido a um contato mais direto com o escritor Siciliano. Pirandello é de há muito senhor poderoso de minha admiração. O “Carnaval dos Mortos” do detentor do último prêmio Nobel produziu em mim tal emoção pelo imprevisto quase trágico do enredo que eu trago ainda na memória aquelas cenas do “marido da mãe que não é o pai do filho”, aquelas cenas tragi-cômicas do “pequenino e sofredor engenheiro Todi pai de brincadeira”. “La signora Frola e il signore Ponza, suo genero” do livro “E domani Lunedì” é uma peça extraordinária que atrai pelo desenvolver brusco e ao mesmo tempo confuso. Neste conto o leitor é que fica na dúvida, na incerteza, pois Pirandello não conclui, deixa-se ficar no meio do caminho para que o leitor conclua e dê liberdade à imaginação. “No entender do teatrólogo siciliano, como diz Agrippino Grieco, cada homem é uma idéia em marcha. Cada um de nós é o seu próprio mito. Somos todos duplos, triplos, múltiplos, diante dos demais e de nós mesmos, escamoteando, fraudando a nossa própria personalidade. Cada homem é um, dez mil, todos e, afinal, zero”. Ou melhor, na novela pirandelliana, “eu não sou eu, tu não és tu, ele não é ele. Dezenas de – eus – justapostos ou aglutinados. O subconsciente sai do subsolo e mata o dono da casa, mata o consciente, matando, de resto, apenas uma sombra, o sonho de uma sombra. Como que o dramaturgo, segundo Etinne Rey, brinca de esconder com o público”. Este ensaio fiel do sr. Agrippino Grieco sobre o autor misterioso de “La Vita muda” é perfeito. Creio que não exista melhor. O sr. Tristão de Athayde na 2.<sup>a</sup> série de seus “Estudos” dedica um pequeno trabalho a Luigi Pirandello. Mas o seu trabalho tem mais caráter de exame psicológico do escritor italiano do que caráter crítico da obra de Pirandello. O sr. Agrippino Grieco foi mais completo. Analisou ambas as partes. Foi mais além e traduziu melhor o espírito que move Pirandello na confecção de suas novelas e contos. Tristão diz falsamente: “Pirandello é o mais inumano dos homens. Para Pirandello o homem não existe”, quando pelo contrário, “esse filho de Girgenti (é Agrippino quem fala) prossegue no seu gosto de espionar as partes mais secretas das almas, de ver como é feita a roupa de baixo dessas almas”. Para Pirandello o homem existe, existe em vários sentidos

e vive à procura do seu “eu” verdadeiro. Pirandello somente duvida do que nós chamamos realidade. Ele não sabe e não quer saber se nós somos sombras de homem ou se o homem é sombra de nós sombras. Ele somente duvida... O caso do falecido Mattias Pascal é típico.

“Estrangeiros” é para mim o melhor livro do sr. Agrippino Grieco. É claro que não podemos fazer comparação lógica entre essa obra de vários ensaios críticos e os demais livros do autor. Agrippino Grieco difere em cada produção nova. O ponto de relação entre todas elas é o crítico.

Em “Estrangeiros” o sr. Agrippino vira-se para fora e estuda os “grandes” lá de fora. Robert de Montesquieu por ser amigo do falecido Marcel Proust é distinguido com um ensaio lisonjeiro e mordaz como só o sr. Agrippino escreve neste Brasil. “Amigos e Inimigos de Goethe” é outro estudo curioso. Henri Bergson é chamado de o “maior dos franceses vivos” com muita razão. Agrippino Grieco não pôde deixar de reconhecer a influência do autor de “Evolução Criadora” em toda a filosofia do século XX até a filosofia fenomenológica de Edmundo Husserl nascida também da filosofia bergsoniana. Husserl é um continuador de Bergson e isso nos mostra Curvitch. Desde as “Investigações Lógicas” que ele não pode abandonar os dados imediatos da consciência. Sem dúvida, a diferença fundamental, em toda essa filosofia chamada do século XX, está no método. Ou orientada no sentido da ciência natural ou cultural, ou orientada segundo a teoria do conhecimento ou seguindo o sentido da vida, a filosofia espiritualista do nosso século é bergsoniana, anti-kantiana e anti-intelectualista. E assim escreve o sr. Grieco: “Comte dispunha de gênio filosófico e não dispunha de estilo. Renan possuía estilo, mas sem gênio filosófico”. E Bergson para o sr. Grieco possui ambas as coisas que o fazem admirado e respeitado e justifica a inclusão do seu nome “entre os cinco ou seis grandes escritores e os cinco ou seis grandes pensadores da França, desde que ele, sem alarido, foi espalhando pela Europa as suas “teorias”. Outros trabalhos inteligentes e de menos importância são os sobre Chamfort e Tennyson. “Estrangeiros” é um grande livro de erudição.